

## **PARTICIPAÇÃO É CONQUISTA**

Pedro DEMO, São Paulo, Cortez, 1993.

**Jussara Martins Silveira RAMIRES\***

O tema 'participação' tem sido alvo de discussões extensas em diversos âmbitos da sociedade, desde a esfera familiar até a política e econômica do país. Isto se deve em grande parte a uma reação natural sobrevinda após um longo período de ditadura, seguido por propostas de democratização.

Entretanto, democracia e democratização são coisas diversas: a primeira é o aspecto teórico, a discussão; a segunda trata da realidade, da operacionalização. A democracia é um valor que faz parte do ideário das pessoas e a democratização é o processo pelo qual se constrói a democracia. Pode-se medir a qualidade da democracia existente em determinado espaço utilizando-se o termômetro da participação: quanto maior for o grau de participação, maior o grau de democracia.

A consolidação da democracia passa a ser um objetivo da sociedade, na medida em que esta se vê diante de problemas relativos à divisão de poder. A necessidade de consolidar a democracia traz em seu bojo a necessidade de superar a tradicional centralização, através de descentralização e não apenas da desconcentração de poder. Isto sugere que não basta desconcentrar, transferindo o poder de lugar, mas é necessário inovar o próprio sistema.

Ao lado desta discussão, observa-se outra, que trata da democracia direta e da democracia representativa: em que pesem aspectos positivos e negativos em ambas as proposições, parece-nos que a união dessas duas faz chegar a um equilíbrio, o que de resto caracteriza o aspecto positivo da negação de um maniqueísmo que pode fazer com que a democracia em si resulte em apenas decepções, correndo-se o risco de se tornar desacreditada como valor que é.

Parece não haver dúvida sobre o fato de que o objetivo da democracia é o bom uso do poder, de modo a garantir igualdade de oportunidades quanto ao acesso a decisões que afetem a vida de uma dada sociedade. Se a participação é de fato o motor que move a democracia, e dados os aspectos já expostos, a proposta de Demo no presente trabalho

## Participação é conquista

constitui-se em importante contribuição para a discussão acerca do tema, principalmente porque traz, além de uma análise teórica, uma corajosa proposta de prática, o que sem dúvida é o que falta à sociedade brasileira no que tange à conquista efetiva da democracia.

O autor pretende, segundo a Introdução, sistematizar algumas idéias a respeito do problema da participação e faz isso equilibrando no texto os dois pólos - teoria e prática.

O trabalho está ordenado em dois capítulos, sendo que no primeiro discute-se o lugar da participação na política social e sua paridade com a face sócio-econômica, e no segundo, traços teóricos e práticos da participação.

O primeiro capítulo divide-se em quatro partes, discutindo na primeira os três eixos da política social: a face sócio-econômica, o eixo assistencial e o eixo político. O autor considera que estes sejam os pilares que sustentam a política social, vista como "o esforço planejado de reduzir as desigualdades sociais". Na segunda parte o autor delinea o conceito de participação, justificando o título do próprio livro, considerando que participação é conquista pois trata-se de um processo e não algo acabado. Na terceira parte encontra-se uma sistematização bastante didática a respeito dos canais de participação: a organização da sociedade civil, o planejamento participativo, a educação como formação à cidadania, a cultura como processo de identificação comunitária e o processo de conquista de direitos. O autor ressalta que esta é apenas uma sugestão e que pode haver outros instrumentos que viabilizem a participação. Finalizando o primeiro capítulo, encontram-se os objetivos da participação: a autopromoção, a realização da cidadania, a implementação de regras democráticas de jogo, o controle do poder e da burocracia, a negociação e a instituição de uma cultura democrática.

Os problemas teóricos e práticos da participação são abordados no segundo capítulo, onde o autor discute questões como a dominação e o poder, autogestão e co-gestão, caminhando para a discussão conseqüente sobre Estado e sociedade. A Comuna de Paris surge como um possível modelo de participação, entretanto o autor não discute apenas aspectos favoráveis ao tema mas também aborda, ainda que resumidamente, os problemas que a interpretação de Marx acarreta, a nível teórico-metodológico.

A última parte deste capítulo é reservada a problemas práticos da participação, priorizando-se a discussão sobre representatividade, legitimidade, participação da base e auto-sustentação. Sobre este último item reside a alma do livro, já que o autor considera que "participação sem auto-sustentação é farsa". Por isso, ele sugere que aliar o político ao econômico é a melhor estratégia, embora reconheça que esta não é uma tarefa simples. Para viabilizar sua proposta, sugere algumas questões de mobilização com o objetivo de chegar à

---

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, nível mestrado e Coordenadora pedagógica da Escola Municipal de 1º Grau "Zulmira Cavalheiro Faustino."

idealização de um caso típico, propondo passos que levem à efetivação da participação auto-sustentada, objetivando a conquista da auto-promoção. Entretanto, o autor não se afasta da realidade do país, considerando os riscos, obstáculos e desafios, que de resto são próprios do exercício da democracia.

Trata-se de uma obra essencial para aqueles que pretendem discutir o fenômeno da participação, pois além de uma discussão teórica, avança para uma proposta de prática, o que sem dúvida é aquilo que mais falta a um país de tão pouca tradição democrática.

*(Recebido para publicação em 06.03.96 e  
liberado em 26.06.96)*